

## RECEPÇÃO DE CHARGES POR JOVENS LEITORES: PROCESSOS DIALÓGICOS E MEMÓRIA DISCURSIVA EM TORNO DA PRÁTICA DA CIDADANIA

TOLEDO, Edilaine Gonçalves Ferreira de

CEFET-MG, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
[edilaine@varginha.cefetmg.br](mailto:edilaine@varginha.cefetmg.br)

**RESUMO:** Inúmeras manifestações ocorreram no Brasil em junho de 2013, quando muitos brasileiros de diferentes concepções sociais e ideológicas foram às ruas protestar contra aumento de passagens nos transportes públicos, bem como demais questões pendentes em nossa sociedade atual, relativas à legitimidade institucionalizada dos direitos e deveres do cidadão, previstos na constituição federal, tais como: insatisfações com maus gastos públicos, má qualidade em educação e saúde pública, além do histórico repúdio contra a corrupção presente em nosso país. Sem liderança partidária ou outra declarada, convocada pelas redes sociais, em pleno período de marcante evento esportivo no chamado “país do futebol”, um novo perfil de juventude, exigindo ser ouvida e contemplada pelos seus representantes legais, surgiu, mesclada a uma significativa produção de charges que demarcaram uma nova reflexão sobre cidadania, neste ano em que a lei magna do país, considerada a mais cidadã dentre as suas versões anteriores, completa 25 anos. O objeto de estudo deste trabalho é a charge em sua concepção textual e discursiva, veiculada em diferentes mídias e que tem alcançado vários públicos, dentre eles o foco deste trabalho, cuja proposta é mostrar como jovens alunos do CEFET-MG, campus Varginha, foram receptores de charges marcantes deste período.

**Palavras-chave:** charge; discurso; memória, cidadania.

### 1. Introdução

Realizar com alunos do campus Varginha leitura de charges específicas de determinado momento histórico e analisar a interlocução destes textos com o conhecimento de mundo desses alunos, bem como de suas habilidades leitoras esperadas para um aluno leitor de charge no ensino médio técnico tecnológico, foi uma abordagem relevante, motivada pela minha pesquisa de doutorado que está em plena construção, e que busca construir reflexões de representações da materialização do discurso da cidadania presente nas charges, por meio da interação, via processo de recepção textual, com jovens entre 15 e 18 anos.

O foco do projeto de tese de doutorado, que origina este trabalho e cuja linha de pesquisa é *“Materialidade, Ideologia e Vida Cotidiana nas Culturas Modernas”*, do programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ao qual contempla o estudo dos processos culturais da sociedade moderna, englobando tanto a dimensão da reprodução da cultura, como a esfera da vida cotidiana, é o discurso de cidadania que emerge de formações discursivas (FOUCAULT, 1997), bem como dos modos de vida cotidiana (WILLIAMS, 2011) que estão manifestados, expressos pela charge, este gênero híbrido de imagem e texto, de estrutura argumentativa em forma de caricatura, a qual retrata determinada realidade., de acordo com BARBERO (1989), no que tange à recepção e impacto dela mediante o processo interativo com os alunos:

“...mais do que meios, a comunincação se faz hoje questão de mediações, isto é, de cultura”. (BARBERO, 1989, p. 19)

BORELLI, 2002, também em relação a este aspecto anteriormente citado, menciona que :

“Os estudos culturais, nos anos 1970, não só libertaram a reflexão sobre a recepção dos meios do modelo reducionista dos efeitos, mas, analisando a produção e a recepção da mensagem dentro de um quadro semiológico inspirado no marxismo, acabaram por colocar a recepção como prática complexa da construção social de sentido.” (BORELLI, 2002, p. 28)

Por tratar de vários assuntos que compõem o universo dos indivíduos em sociedade, a charge de maneira irônica, sagaz e crítica, mostra à sociedade aspectos pendentes no exercício pleno da cidadania, que todos, garantidos por lei, têm direito de ser e de sentir-se inseridos.

## 2. A charge e sua estrutura

A caricatura é traço artístico que o chargista delinea em seu texto não verbal que representa e critica algo em determinado contexto: é através do traço exagerado da realidade que a charge consolidou-se como texto que carrega aspectos discursivos dela, ora implícitos, ora explícitos, e que estes aspectos denotam inúmeras leituras e interpretações que podem e precisam ser trabalhadas profundamente, já que são críticas ao nosso dia a dia, ao que somos ou desejamos ser enquanto indivíduos sociais inseridos em situações que exigem de nós reflexões e atitudes singulares.

Como a charge é um texto temporal e cultural na maioria de sua produção, pois são poucas as que se eternizam na lembrança e compreensão do leitor, muitas vezes, o sentido que poderia ser óbvio em primeiro momento, pode não ser interpretado, entendido, e daí torna a charge um pouco distante da compreensão de seus leitores. E, às vezes, o que deveria ser de início compreensível, passa a ser indecifrável.

Mas nem por isso a carga discursiva da charge é desfeita: pode ser diminuída, mas não extinta, já que o sentido ali permanece, em tom de ironia, de crítica, como confirma-se em BARTHES, 1978:

É evidente que o sentido obtuso é a própria contranarrativa; disseminado, reversível, preso à sua própria duração, pode apenas inaugurar outro corte, diferente daquele dos planos, sequências e sintagmas; um corte desconhecido, antilógico, e no entanto, verdadeiro... (BARTHES, 1978, p.56)

E neste mesmo raciocínio, conforme MAINGUENEAU, 2007, temos:

Limitar o universo discursivo unicamente aos objetos linguísticos constitui sem dúvida alguma um meio de precaver-se contra os riscos inerentes a qualquer tentativa intersemiótica, mas apresenta o inconveniente de nos deixar muito aquém daquilo que todo mundo sempre soube, a saber, que os diversos suportes intersemióticos não são independentes uns dos outros, estando submetidos às mesmas escanções históricas, às mesmas restrições temáticas. (MANGUENEAU, 2007, p.145)

É por sua materialidade temporal, caricaturando uma situação, segundo FERREIRA (2006), que a charge agrega, com maestria, uma rica interação discursiva e interdiscursiva entre seus leitores-interlocutores, em conformidade com CHARAUDEAU (2006), e ocupa, em diversos suportes textuais como jornais, revistas e sites de internet, um lugar em que a graça, o humor e a ironia constroem novas opiniões, aprofundam velhas ideias e abrem caminhos para o aprimoramento da habilidade de leitura, com diversos gêneros, em diferentes contextos e níveis de ensino. E isso em nossa sociedade não é novo, de acordo com LIMA (1969), visto que no Brasil, em revistas como *Tico Tico*, *Para Todos*, *O Malho* e *O Careta*, desde o tempo do Império, com Agostini, J. Carlos e Belmonte, essa prática de retratar um fato, em mescla peculiar de imagem e texto, trazendo com o humor um

refinamento de opiniões sobre o ocorrido, e também para além dele, já era algo muito comum.

A charge, enquanto veículo linguístico de representação social e política, portador de inúmeros discursos que se convergem para retratar parodicamente uma determinada realidade, e portanto, potencializador de uma prática discursiva de cidadania, congrega em si muitos elementos de sua composição híbrida e singular, de imagem e texto, que evidenciam hoje, conforme SOARES (2002) algumas dificuldades de recepção de sentidos, de significados, que muitos estudantes de Ensino Médio revelam em seu cotidiano escolar quanto à leitura e compreensão de textos, em variados gêneros, já que leem textos, mas não os entendem.

O desenvolvimento da leitura de qualquer pessoa denota o quanto esse conhecimento interfere diretamente na capacidade desse indivíduo de desenvolver-se plenamente em seus aspectos pessoais, cognitivos, sociais, culturais e políticos, dentro de qualquer sociedade. (LAJOLO, 1982).

E o que um leitor de charge mobiliza em sua leitura? Muitos aspectos são considerados neste mecanismo, como contexto local, social, histórico, político, econômico em que se está inserido, sobre temas diários de uma determinada sociedade, em especial os mais polêmicos; capacidade de inferência de implícitos e humor, apreensão de realidade; capacidade de de senso crítico e argumentação sobre fatos/assuntos locais, emergentes e temporais.

Por meio das formações discursivas (FOUCAULT, 1997) que compõem os comportamentos e crenças sociais, esses aspectos supracitados serão apreendidos, percebidos e analisados pelos jovens estudantes se o repertório deles em torno do meio em que vivem estiver ali posto e aguçado por algo que os levem a se manifestarem, a se posicionarem de modo favorável ou não diante daquilo que reivindicam:

... teremos uma formação discursiva sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade – uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações – entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas. (FOUCAULT, 1997, p. 43)

Partindo dos aspectos da produção e da recepção que a charge agrega em si, bem como da interação entre quem faz e quem recebe esse produto, e dos processos dialógicos que emergem dessa dinâmica, de modo explícito e/ou implícito, construindo e reconstruindo sentidos a partir de seus elementos verbais e visuais, é que KOCH (2010) demarca bem:

O sentido de um texto é construído na interação texto-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.” (KOCH, 2010, p.11)

A autora também sinaliza que no processo interativo que a linguagem realiza todo o tempo, de leitura e construção de sentidos, todo o contexto que o leitor está inserido e repete através de seu conhecimento de mundo, demonstra aspecto importante entre produção e recepção textual:

... a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.( KOCH, 2010, p.11)

Para BAKHTIN (1986):

...naturalmente, há diferenças essenciais entre a recepção ativa da enunciação de outrem e sua transmissão no interior de um contexto. (BAKHTIN, 1986, p.146)

Por isso o lugar de quem produz e o de quem recebe proporciona um campo dialógico e discursivo tênue, instável e cíclico, que demonstra que não só o produtor faz a sua ação, mas também o leitor, esse receptor-autor também constrói e reconstrói uma dinâmica viva que proporciona um amplo debate em torno das representações sociais, tanto a partir e/ou dentro das instituições, quanto para além delas.

Como bem pontua CHARAUDEAU (2012), o contrato entre produtor e receptor vai muito além das expectativas de quem fornece a informação, tanto quanto de quem as recebe, pois há que se levar em consideração dentro das instâncias da informação quem informa, para que informa, sobre o que informa e em que circunstância realiza esta informação:

Como em todo ato de comunicação, a comunicação midiática põe em relação duas instâncias: uma de produção e outra de recepção. A instância da produção teria, então, um duplo papel: de fornecedor de informações, pois deve fazer saber, e de propulsor do desejo de consumir as informações pois deve captar seu público. A instância da recepção, por seu turno, deveria manifestar seu interesse e/ou seu prazer em consumir tais informações. (CHARAUDEAU, 2012, p.72)

E na intenção que este trabalho se apresenta, como checagem da característica e profundidade de compreensão dos jovens alunos em torno do meio sócio-histórico, bem como de sua apreensão e prática do discurso de cidadania, enfrenta-se a questão que esta pesquisa está a se aprofundar e que versa sobre a ampla capacidade das instâncias da produção e da recepção, ou seja, que elas representam muito mais do que está explícito no próprio texto, revelando universos ao mesmo diferentes mas também similares quando se trata do elemento “público-alvo”, e que permutam uma intensa interação dialógica em torno de formações discursivas que já possuem e desejam aprofundar e/ou inovar.:

Na realidade, as coisas são mais complexas. Por um lado, porque não se trata somente de transmitir saber, mas de se confrontar com os acontecimentos que se produzem no mundo ou inteirar-se de sua existência, e de construir, a esse respeito, um certo saber – e isso, num tratamento que depende da maneira pela qual se constroem representações sobre o público; por outro lado, porque o público não coincide totalmente com as tais representações, não se deixando atrair nem seduzir com facilidade, seguindo seus próprios movimentos de ideias, não sendo apreendido facilmente. Assim, a instância de produção deve ser considerada de modo diferente, ora como organizadora do conjunto do sistema de produção, num lugar externo, ora como organizadora da enunciação discursiva da informação. A instância da recepção também deve ser desdobrada: de um ponto de vista interno à instância midiática, é designada como destinatário, a instância-alvo; de um ponto de vista externo, como instância de recepção propriamente dita, como uma atividade própria do consumo, é designada como instância-público... (CHARAUDEAU, 2012, p.72-73)

Daí a motivação para aproveitar a grande crise institucional que o Brasil atravessou durante o mês de Junho de 2013, quando muitos brasileiros protestaram contra os altos investimentos em eventos esportivos, como a Copa das Conferências 2013 e Copa do Mundo 2014, ao contrário do que acontecia na saúde e na educação, tudo motivado pela não aceitação do aumento nos transportes públicos, que começou com grande movimentação na cidade de São Paulo e estendeu-se pelas demais capitais do país, bem como a inúmeras cidades do interior.

Os aspectos sociais, políticos, históricos, econômicos e culturais foram a primordial engrenagem para mobilizar a memória dos cidadãos brasileiros em torno dos seus direitos e deveres não exercidos na prática diária do convívio em sociedade, e com isso, fazendo emergir intensamente formações discursivas outrora já vividas e cobradas, em contextos sociais posteriores, por brasileiros de diferentes faixas etárias, em diferentes lugares do Brasil.

Pode-se considerar que sejam muitos aspectos a serem dirimidos por um jovem leitor de ensino médio: mas além disso tudo ser possível e estar em leis que nos regimentam, como a LDBN/9396 e a própria constituição do país de 1988, são observações que nos permitem verificar de fato a quantas anda a nossa educação, nosso ensino da leitura e a inserção de todos como verdadeiros cidadãos, com plenos direitos e deveres.

Por isso a dimensão plurissignificativa da realidade que a charge apresenta em sua forma e conteúdo, e também no que se refere ao seu gênero discursivo e dos seus interdiscursos, permite verificar a existência do discurso da cidadania por meio das formações discursivas que sustentam de modo prático e teórico este discurso.

### **3. A prática da cidadania e seu discurso: memória discursiva e representativa do papel das instituições.**

Aqui, uma definição para cidadania:

Cidadania: expressão originária do latim, que tratava o indivíduo habitante da cidade(civitas); na Roma antiga indicava a situação política de uma pessoa (exceto mulheres, escravos, crianças e outros) e seus direitos em relação ao Estado Romano.(Santana, p.10, 2010)

E no dizer de DALLARI, 1998:

A cidadania expressa um conjunto de direitos que dá à pessoa a possibilidade de participar ativamente da vida e do governo de seu povo. Quem não tem cidadania está marginalizado ou excluído da vida social e da tomada de decisões, ficando numa posição de inferioridade dentro de um grupo social.(DALLARI, 1998, p.19)

Com a plena liberdade de expressão, na atualidade, a charge tem seu espaço consolidado para criticar tudo aquilo que está em desarmonia com a equidade social para todos. A Constituição Federal de 1988, assegura-nos os direitos básicos do cidadão, bem como o status de cidadania, descrito nas citações abaixo:

TÍTULO I - DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS - Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado democrático de direito e tem como fundamentos: I - a soberania; II - a cidadania; III - a dignidade da pessoa humana; IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; V - o pluralismo político. Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição. TÍTULO II - DOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAIS - CAPÍTULO I - DOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOS - Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, (...) CAPÍTULO II - DOS DIREITOS SOCIAIS - Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (...)

A partir disso, a charge tem à sua disposição um gama valiosa de temas, que na prática, não são plenamente cumpridos pelo governo, pelo estado, e o cidadão não se torna cidadão de fato, sem ter esses direitos e também deveres instituídos e pautados em sua vida social: por isso temos muitas charges sobre política, sobre educação, saúde, corrupção, enfim, sobre inúmeros assuntos que compõem nossa sociedade e afetam a vida de todo nós, e que aqui estamos chamando de discurso de cidadania, materializado e retratado de modo caricatural pela charge, diariamente veiculado pela mídia impressa e digital. E em nosso país, essa questão

da legitimação e prática da cidadania não é nova, mas de grande importância como afirma o historiador e advogado Marcos Silva de Santana:

A história da cidadania no Brasil está diretamente ligada ao estudo histórico da evolução constitucional do país. A Constituição Imperial de 1824 e a primeira Constituição Republicana de 1891, consagravam a expressão cidadania. Mas, a partir de 1930, ocorre uma nítida distinção nos conceitos de cidadania, nacionalidade e naturalidade. Desde então, nacionalidade refere-se à qualidade de quem é membro do Estado brasileiro, e o termo cidadania tem sido empregado para definir a condição daqueles que, como nacionais, exercem direitos políticos. (SANTANA, 2000, p. 12)

A materialização, a concretude deste quadro aqui descrito nas charges produzidas e veiculadas nas diversas mídias durante o auge do período das manifestações brasileiras em junho de 2013: elas revelam com ênfase de crítica e humor tudo o que estava sendo cobrado, o modo como se deu essa cobrança, qual o impacto desses eventos na vida e opinião de quem manifestava e ainda mostrou o grau de recorrência de temas, como corrupção, baixos investimentos em saúde, educação e transporte público, que denotam o registro de profunda insatisfação do povo brasileiro com questões pendentes já conhecidas:

A charge é um tipo de texto que atrai o leitor, pois enquanto imagem, é de rápida leitura, transmitindo múltiplas informações de forma condensada. Além da facilidade da leitura, o texto chágico diferencia-se dos demais gêneros opinativos por fazer sua crítica usando constantemente o humor.” (ROMUALDO, 2000, p. 5)

Neste ano em que nossa lei magna completa 25 anos, com o status de ser a mais cidadã que as anteriores, percebemos um posicionamento dos brasileiros diferente quanto às cobranças sociais, econômicas e políticas em nosso país: o evento da Copa das Confederações 2013 desencadeou uma revolta popular que tomou as ruas do país e delineou um novo perfil de brasileiro, independente da idade, dos aspectos sociais, econômicos e culturais, e com um novo jeito de exercer cidadania, sem bandeiras partidárias ou algo semelhante. Esse comportamento advindo dos modos da vida cotidiana, ou seja, das necessidades emergentes dos cidadãos em sociedade, confirmou o que estamos denominando de discurso da cidadania: o ser social enquadrado nas leis dos princípios, dos direitos e garantias fundamentais, quer de fato, ser contemplado, legitimado por eles. E quando aponta, por meio de protestos nas ruas, que os investimentos, que deveriam ser para estes fins, são destinados para outros segmentos, posiciona-se e interpela seus representantes legais e exige ser ouvido e ressarcido dos maus investimentos feitos.

#### **4. Processos dialógicos e memória discursiva: o diálogo entre o grupo de alunos e algumas charges**

O material selecionado para esta abordagem deteve-se sob os seguintes critérios: ter sido veiculada na semana entre 17 a 22 de junho de 2013, independente da mídia que foi veiculada e estar diretamente relacionada ao tema das manifestações. A escolha contou com o auxílio do grupo de alunos selecionados para esta pesquisa, através de suas redes sociais bem como de suas participações em manifestações na cidade de Varginha, no dia 20 de junho de 2013.

A interação metodológica com duas turmas, do 2º e 3º anos do ensino médio técnico integrado, dos cursos de Mecatrônica e Edificações. Mas para este trabalho tomou-se como base apenas a resposta de 18 alunos que compunham a turma do 3º de Edificações e que servirá como amostragem da análise qualitativa dos resultados.

Aqui também será apresentada a impactabilidade do corpus desta pesquisa, ou seja, o

comentário inicial sobre o processo de interação com as três charges apresentadas: quais causaram mais risos; quais geraram um debate mais consistente em torno da temática das manifestações; quais não ocasionaram nenhum impacto esperado e significativo; enfim, como foi o primeiro contato deste corpus com os alunos da pesquisa, que está em pleno andamento.

Aqui neste trabalho só se apresentará o dado que já se encontra tabulado. Parte dos formulários utilizados para validação e aplicação dos testes estão dispostos na parte dos anexos, ao final deste trabalho: tanto o formulário do aluno quanto o do professor-observador detalham um pouco mais da pesquisa e o caminho que se está a construir neste processo de tabulação de dados. Por isso, novamente reafirmamos que nos deteremos apenas ao resultado que já se encontra consolidado e que versa sobre como foi o impacto da recepção das charges pelos alunos no primeiro contato de leitura, comentando reações primárias e impressões mínimas desta interação enriquecedora em torno do tema da memória e da discursividade presentes nas charges.

Seguiu-se o seguinte esquema: com a projeção visual das charges aos alunos, o processo teve três etapas: o 1º com a leitura de reconhecimento e entendimento; o 2º com a leitura de compreensão e contextualização; e o 3º com a leitura de análise, extrapolação e síntese, através de sorteio para escolha da charge a ser trabalhada, dentre aquelas que forma projetadas. Nesta última, os alunos faziam a análise completa da charge, com enfoque aos aspectos explícitos e implícitos, bem como interação e harmonia entre fato e crítica produzida.

Antes de todo esse processo, o grupo de alunos foi dividido em três blocos, cujos membros-observadores, presentes em todos os momentos de leitura, registravam quaisquer indícios de recepção compreensiva ou não às charges, entre gestos, risos e demais atitudes passíveis de observação analítica por parte dos leitores, os alunos. O tempo médio de aplicação foi de 60 minutos, englobando todas as etapas.

Os membros-observadores eram colegas professores de áreas diversas de humanidades e técnica-profissional que quiseram participar desta dinâmica, e em formulário próprio acompanham e registravam as reações e expectativas dos alunos nas etapas 1 e 2. A análise das charges na etapa 3 buscou avaliar a compreensão dos elementos explícitos e implícitos das charges, bem como de seus elementos verbais e não verbais: se a crítica era direta ou mais indireta, de modo a analisar o enfoque em uma personagem, uma situação, ou ambas; como o humor foi construído e por último, a extrapolação do tema contido na charge, denotando o quanto da situação real que a charge retratava eles conheciam e de fato qual era o posicionamento crítico deles em relação a esta realidade retratada.

O momento histórico, social e político que as charges retrataram foi decisivo na interação dos alunos com os textos, bem como na análise da verticalização de leitura que eles demonstraram acerca de si mesmos e do meio em que vivem, pois o fato de terem vivenciado em loco as questões retratadas e criticadas nas charges, por meio de suas participações em manifestações na cidade, fez com que compreendessem de modo mais atento e profundo o que as charges selecionadas para esta abordagem disseram.

E as representações em torno do discurso da cidadania que eles perceberam e interagiram pode ser percebida e confirmada no modo como demonstraram suas reações iniciais de entendimento, bem como reações secundárias de compreensão ou não das charges durante os debates que surgiram após a análise das mesmas: isso também nos possibilitou levantar a hipótese de que a bagagem cultural que provém de seu meio familiar e sócio-histórico também foi relevante para que eles tivessem um conhecimento relevante da situação em questão e que validou suas participações nas ruas de Varginha durante a manifestação de 20 de julho de 2013., conforme BARBERO, (1989):

O cotidiano familiar atravessa, de inúmeras formas, as práticas de recepção, a

começar pela relação da estrutura social com a subjetividade. Assim, podemos afirmar que esse cotidiano não é lugar de mera reprodução da vida ou da ideologia, mas sim de contestação de códigos e do movimento de pulsão, ou como diria Certeau, lugar em que “a violência da ordem se faz tecnologia disciplinar, mas também, rede de antidisciplina, possibilidade de jogo, de resistência, de deslocamento”. O espaço cotidiano da família é o locus de conexão ente o mundo da escola, da igreja, do trabalho; ao mesmo tempo, faz intergir as temporalidades desses 'mundos' com as do consumo dos meios... (BARBERO, 1989, p. 19)

De acordo com WILLIANS (2011), na ideia de que a questão do materialismo cultural torna-se consistente, visto que acontecimentos anteriores permitem entender e justificar situações contemporâneas, um contínuo material, um ciclo de situações e ações vivos, como ele mesmo já dizia, se engendram e dão condições para que os discursos, por meio das formações discursivas, aflorem:

Boa parte da pratica social e cultural é necessariamente dirigida para além da história humana, a materiais que simultaneamente a precedem e persistem. Negligenciar ou renunciar a essas direções seria uma grande derrota cultural. (WILLIANS, 2011, p. 165)

E reforça que os modos de vida cotidiana, nossos comportamentos e crenças que dão vida às nossas formações discursivas, confirmam quem somos e onde podemos chegar:

Na produção social de sua vida, os homens estabelecem determinadas relações necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase do desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se erige uma superestrutura política e jurídica e a que correspondem determinadas forças de consciência social. O modo de produção da vida material determina o caráter geral dos processos da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina seu ser, e sim, pelo contrário, seu ser social que determina sua consciência. [...] Quando a base econômica muda, toda a imensa superestrutura construída se transforma, mais ou menos rapidamente. Ao considerarmos essas transformações, devemos distinguir sempre entre a transformação material das condições econômicas de produção que podem ser determinadas com a precisão da ciência natural, e as formas jurídicas, políticas, religiosas, estéticas ou filosóficas – em suma, as formas ideológicas em que os homens adquirem consciência desse conflito e lutam para solucioná-lo. (WILLIANS, 2012, p. 291)

Seguem, então, as três charges utilizadas no processo de interação com os alunos da pesquisa e que servirão de amostragem dos resultados parciais esboçados neste trabalho.

#### Charge A



Do cartunista Lute, de 19 de junho de 2013, de seu facebook <https://www.facebook.com/lute.cartunista> disponível em <http://www.casseta.com.br/blog/2013/06/19/a-critica-em-forma-de-charges-as-manifestacoes/>.

Ela trata de modo claro e eficaz a crítica sobre a copa das confederações, evento esportivo do futebol, e a atitude do cidadão brasileiro: mobilização grandiosa, em tom de patriotismo e insatisfação com os rumos dos gastos públicos. As cores remetem aos marcantes momentos em que o povo brasileiro se veste de verde e amarelo e torce por sua seleção de futebol, como forma de sentir-se representado por ela diante dos outros, diante do mundo.

Mas neste contexto, como a charge mostra com muita criatividade, as cores, as placas e os cartazes são utilizadas para outras expressões de brasilidade e de civismo: reforçam a união de ideias e desejos por uma causa comum a todos. Esta charge, inicialmente não causou o riso costumeiro, mas um significativo silêncio que representou a surpresa com a distribuição das cores e dos dizeres dos cartazes em favor de um tema inesperado para o uso delas, ou seja, a mobilização intensa do povo nas ruas, nas manifestações. Nesta, 13 alunos denotaram este impacto inicial descrito e 05 demonstraram incompreensão da mesma.

### Charge B



Do cartunista Genildo, "Os problemas da crise continuam", terça-feira, 18 de junho de 2013, disponível em: <http://genildoronchi.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-06-01T00:00:00-07:00&updated-max=2013-07-01T00:00:00-07:00&max-results=33>.

Esta foi muito bem apreendida pelos alunos: apenas 01, dos 18 alunos, apresentou uma demora significativa em relação aos demais no que tange à sua compreensão. O trocadilho e ambiguidade com a palavra "copa" desencadeia todo o sentido da charge em relação à realidade que ela está a retratar: sua referência é em relação aos investimentos feitos na copa das confederações, ocorrida no mesmo período em que eclodiram as manifestações, mostrando de modo crítico e irônico, que até nas questões básicas do lar, os maus investimentos do dinheiro público refletem de maneira decisiva na vida do cidadão brasileiro.

### Charge C



Do cartunista Quinho, “Chega” de 20 de junho de 2013, no Estado de Minas, disponível em <http://eltonvaletavares.blogspot.com.br/2013/06/chega-charge-quinho.html>.

A referência é ao basta da nação brasileira em relação à corrupção de nossos governantes e má gestão do dinheiro público: a charge, que retrata a invasão do senado, em Brasília, por manifestantes, na data anterior, remete à foto de capa do jornal Estado de Minas e que também fez parte de outras reportagens em outros jornais de circulação nacional: o entendimento e a compreensão, bem como a extrapolação em relação a este texto, foi maciça por parte dos 18 jovens. Essa unanimidade novamente confirma a materialização do discurso de cidadania que emerge de suas formações discursivas e transcende como prática ideológica e dialógica no contexto da memória das instituições.

Parece que o brasileiro descobriu sua força, intimidou seus representantes, exigiu ser ouvida e conseguiu resoluções inéditas no quadro histórico do país em relação a estes temas: muitas passagens de transportes públicos, em todo país, foram reduzidas; uma intensa movimentação de deputados e senadores na capital do país revelou como nossa representatividade política pode trabalhar melhor por todos os cidadãos brasileiros; e planos de ação por parte da representante máxima do país democrático começavam a ser preparados com o intuito de ser o retorno aos protestos, das vozes das ruas.

Na opinião dos alunos, em alta escala de impactabilidade, estas charges em muito representaram o momento vivido e analisado por eles, bem como aquelas que melhor legitimaram suas condições de jovens cidadãos, que reivindicavam seus direitos e se sentiam exercendo seus deveres diante das situações manifestadas nas ruas e das quais eles formam agentes diretos e ativos, protagonistas de um registro histórico inédito.

### **5. Resgatando e construindo cidadania com a charge: considerações finais, com pesquisa em andamento**

O espaço que a charge tem hoje no Brasil, conquistado desde o século 19, faz com que tenhamos uma coragem de nos apropriarmos daquilo que ela transmite para dizer o que realmente quase todos pensamos sobre a sociedade em que vivemos: se todos são cidadãos e pela lei máxima do país, a constituição, têm seus direitos e deveres assegurados, em tom de

igualdade, independente de quem seja e de onde venha, esse estado de direito e liberdade é para todos. E quando isso não acontece na prática, a crítica caricatural da charge exerce seu discurso, fazendo chistes sobre a realidade que não se apresenta como deveria. Ou seja, o exercício de uma prática cidadã também se faz de forma indireta, sagaz e caricatural através da charge, por meio de um discurso intertextual e polifônico que implica em várias vozes, por meio de uma apropriação de concordância e ênfase que se enuncia com este discurso, representando e materializando uma prática de cidadania:

Para Bakhtin, toda e qualquer palavra comporta, na realidade, duas faces, pois se determina pelo fato de proceder de alguém e de se dirigir para alguém. Desta forma, ela constitui precisamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Por meio da palavra, o locutor define-se em relação ao outro, o que significa, em última análise, em relação à coletividade. (ROMUALDO, 2000, p. 49)

O discurso ora implícito, ora explícito que se apresenta na charge, seja de conteúdo mais político, ou social, ou histórico, ou econômico, ou ainda cultural, reforça que o exercício da cidadania tem sido pleno por diferentes faixas etárias e esferas sociais: ou seja, a realidade vigente é material vivo para o discurso da cidadania retratado nas charges e na interação dialógica com seus leitores-interlocutores, demonstrando enfaticamente a memória discursiva de nossos valores e práticas que nos compõem institucionalmente em sociedade. E a charge vem cumprir esse papel de cobrança aos órgãos competentes e representantes responsáveis: e com a liberdade de expressão em alta, através da mídia impressa e on-line, a charge se estabelece com a função de lembrar, com o foco da e na memória discursiva, ainda que de forma indireta, tudo aquilo a que temos direito, quais são nossos deveres e como tudo caminha em nosso país, de forma caricata, engraçada, irônica, muitas vezes também ferina e controversa; porque, feliz ou infelizmente, exercemos nossa cidadania, o que forma a nossa sociedade, cobrando direitos e deveres de maneira séria, consciente, fazendo-se respeitar pelo que realmente somos e representamos, e a recepção das charges pelos jovens alunos denotou essa prática, ainda que em perspectiva inicial:

Pacto hermenêutico, o processo de recepção é, ao mesmo tempo, território compartilhado por produtores e consumidores, e cenário de luta pela interpretação mais legítima do sentido. (BARBERO in BORELLI, 2000, p. 15)

Através da charge, há uma nova forma de ler e intervir sobre a realidade; há um jeito de protestar, de resistir, de transformar, com mais eficiência, crítica e bom humor, o contexto em que estamos todos inseridos. E a discussão acerca desse assunto apresentado aqui neste artigo não se esgota: sobre cidadania e seu discurso, sobre charge e juventude tem-se muito a dizer, analisar, reorganizar e construir. Um caminho diferente abriu-se para a reflexão e exercício pleno da cidadania e do seu discurso entre nós, com nossos jovens alunos por meio da charge: o convite, pois, é que nos desafiemos a ele.

## 6. Referências Bibliográficas

- BARBERO, Jesús Martín. *Comunicación e Cultura: unas relaciones complejas*. Telos 19. Madrid, Fundesco, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. *Vivendo com a telenovela: mediações, recepção,*

- teleficcionalidade*. São Paulo: Sumus Editorial, 2002.
- BRASIL, *Constituição da República Federativa do*. Senado Federal: Secretaria Especial de Editoração e Publicações – Subsecretaria de Edições Técnicas. Distrito Federal, Brasília, revisão de 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- DALLARI, D. A. *Direitos Humanos e Cidadania*. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 1998.
- FERREIRA, Edilaine Gonçalves. *Charge: uma abordagem parodística sobre a realidade*. Dissertação de Mestrado em Linguagem, Cultura e Discurso. Universidade Vale do Rio Verde, Unincor, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- KOCH, Ingedore G. Villaça. ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2010.
- LDBN, *Lei de Diretrizes e Bases Nacional (9396/96)*. Ministério da Educação e Cultura: Brasília, 1996.
- LIMA, Luiz Costa Lima (org.) *Teoria da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Saga, 1969.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2007.
- ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá: EDUEM, 2000.
- SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Authêntica, 2000.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Unesp, 2011.

### Referências Digitais:

Charge de Genildo, "*Os problemas da crise continuam*", terça-feira, 18 de junho de 2013 disponível em: <http://genildoronchi.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-06-01T00:00:00-07:00&updated-max=2013-07-01T00:00:00-07:00&max-results=33>, acesso em 19 Ago. 2012.

Charge do Lute, "*Há muito não se via...*" de 19 de junho de 2013, de seu facebook <https://www.facebook.com/lute.cartunista> disponível em <http://www.casseta.com.br/blog/2013/06/19/a-critica-em-forma-de-charges-as-manifestacoes/>, acesso em 19 Ago. 2012.

Charge do Quinho, "*Chega*" de 19 de junho de 2013, jornal Estado de Minas, disponível em <http://eltonvaletavares.blogspot.com.br/2013/06/chega-charge-quinho.html>, acesso em 19 Ago. 2012.

SANTANA, Marcos Silva de. *O que é cidadania*. Disponível em: <http://www.advogado.adv.br/estudantesdireit/estro/fadipa/marcossilviodesantana/cidadania.htm>, Acesso em acesso em 12 jul.2012 e 23 ago. 2012.

## 7. Anexos

Anexo A – Parte do formulário de interação oral e discursiva com os alunos da pesquisa.

A . Roteiro norteador de interação com os alunos a respeito das charges. Charge sorteada: \_\_\_\_\_ . Do que trata a charge sorteada?

O que está explícito nela?

E o que está implícito?

Desse modo, o que ela pretende, intenciona?

Ela consegue isso? Por quê?

Que elemento (s) verbal e/ou não verbal (s) desencadeia o humor e a ironia nesta charge?

Quem é o possível público-alvo?

Em sua opinião, o que a charge analisada representa?

Em síntese, esta charge mobiliza reflexão sobre nossa vivência em sociedade?

( ) Sim, porque...

( ) Não, porque...

( ) Em partes, porque...

Anexo B – Parte do formulário do membro-observador durante a interação oral e discursiva com os alunos da pesquisa:

Na apresentação das charges e interação com as mesmas: registrar a predominância de reações instantâneas, como expressões faciais e corporais que denotem entendimento ou não, risadas, silêncios, indiferença, outros.

CHARGE n°: \_\_\_\_\_

( ) entendimento ( ) não entendimento ( ) risos ( ) silêncio ( ) indiferença ( ) surpresa ( ) desinteresse ( ) tédio ( )

( ) outros: \_\_\_\_\_

Observação específica: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_